

Mãos que cosem a memória: As rendeiras de Saubara-BA e o protagonismo de mulheres negras no patrimônio cultural

Anna Luísa Santos de Oliveira – Universidade Federal da Bahia, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Cecilia Conceição Moreira Soares – Universidade Estadual da Bahia, Universidade Federal da Bahia

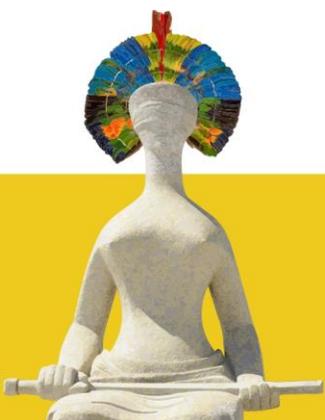
Palavras-chave: Museologia. Renda de Bilro. Patrimônio Cultural. Gênero. Raça.

RESUMO:

Esta pesquisa tem como finalidade analisar a Casa das Rendeiras do município baiano de Saubara, enquanto espaço de salvaguarda do patrimônio e a protagonização feminina negra por meio do saber fazer da renda de bilro. A investigação é proposta a partir da utilização do arcabouço teórico metodológico em museologia social, tendo como propósito refletir acerca da importância da memória individual e coletiva de mulheres negras para o patrimônio cultural local. As narrativas das vivências dessas mulheres rendeiras constituem fontes principais de pesquisa para esta pesquisa. A compreensão do patrimônio cultural, a partir do ofício das rendeiras enquanto detentoras do saber fazer da renda de bilro, fazem delas objeto da museologia, possibilitando a discussão sobre a representação da identidade cultural por meio da memória imaterial, do trabalho da renda de bilro.

Keywords: **Museology.** Bobbin Laces. Cultural Heritage. Gender. Race.

ABSTRACT:



4^o SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3

This research aims to analyze the House of Rendeiras from Bahia's county of Saubara, as a space for safeguarding of patrimony and black female protagonism by knowledge of how to make laces of the bilro. The study is proposed from the use of the theoretical framework in museology, having as locus the reflections on the importance of the individual and collective memory of black women for the local cultural patrimony. The narratives of the experiences of these lacemakers women constitute main sources of research for this research. The understanding of the cultural patrimony, starting from the office of the lacemakers while holding the know how to make the lace of the bilros, make them an object of museology, making possible the discussion about the representation of cultural identity through immaterial memory, of the work that covers bobbin laces of the bilros. as linhas.

INTRODUÇÃO

A técnica da renda de bilro chegou ao Brasil junto com os colonizadores, com uma forte influência portuguesa, e hoje o território produtor se concentra na região da costa nordeste (BRUSSI, 2015). Na Bahia, o município de Saubara mantém a prática do saber fazer, em que a mão de obra é formada por mulheres negras⁷⁴⁶. Luiza Ramos (1948) define a renda de bilro como um tecido que é formado a partir do cruzamento e entrelaçamento de fios enrolados em uma das suas extremidades em bilros, e fixados à outra extremidade em almofada por meio de alfinetes. Resulta numa obra a qual um fio conduzido por uma agulha, ou vários fios, trançados por meio de bilros, engendra um tecido e produzem combinações de linhas análogas as que a desenhista obtém com o lápis (RAMOS, 1948).

Para coser a renda, as rendeiras precisam do pique, que é o cartão de papelão onde o desenho da trama é feito, a almofada que é um objeto cilíndrico, preenchido com palha, a linha enrolada no bilro que é uma haste de madeira com ponta arredondada, que pode ser feita com o búri ou com dendê e

⁷⁴⁶ Com relação as mulheres rendeiras de Saubara-BA. Fonte dos dados: Entrevista com Dona Maria do Carmo Amorim, coordenadora da Casa das Rendeiras cedida em: 17 de agosto de 2017.



4º SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3

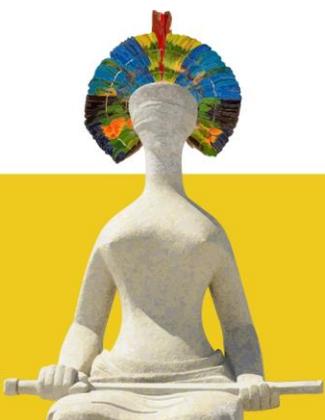
alfinetes para marcar o desenho. Antigamente no lugar dos alfinetes usava-se o espinho de mandacaru, mas foi substituído por ser mais fácil de encontrar na área urbana.

A técnica da renda de bilro passa por alterações de acordo com a região em que é fabricada, e assim, cada território possui suas especificidades. Podemos observar que em Saubara, algumas características diferenciam o processo do saber fazer das outras regiões, como o bilro, e alguns pontos, como a flor da maré. Além dessas especificidades técnicas, observamos no território saubarense que todas as mulheres rendeiras são marisqueiras, e em sua grande maioria se apresentam como mulheres negras. Essas características se interseccionam com a técnica, compõem elementos de territorialidade e identidade que constroem a percepção da renda de bilro saubarense como patrimônio cultural imaterial, e sendo assim, se apresentam categoricamente dentro do campo da museologia, gênero e raça.

Nesta pesquisa busquei a análise da Casa das Rendeiras de Saubara e seu papel na salvaguarda da memória e identidade de mulheres negras por meio do saber fazer e suas interseccionalidades entre gênero e raça em confluência com a sociomuseologia. Compreendo a organização da Casa das Rendeiras enquanto prática política onde mulheres são protagonistas em coser a renda de bilro, e concomitantemente agem na salvaguarda do patrimônio imaterial. As mulheres negras reunidas na Casa das Rendeiras ou em suas residências constituem o coletivo para a continuidade da memória e compartilhamento dessas representações identitárias.

UMA NOVA MUSEOLOGIA

Após a década de sessenta, o pensamento acerca da museologia se expandiu, e questões problematizadoras acerca do papel social dos museus e do pensamento museológico passaram a ser abordadas por mais teóricos. Seguindo o pensamento de Gregorová (1980), e levando em



**4º SE
BRA
MUS**

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3

consideração a perspectiva do patrimônio cultural como meio de reflexão sobre o desenvolvimento participativo das comunidades e grupos, começam a serem elencadas questões relevantes para a salvaguarda da memória coletiva, a partir da perspectiva de valorização local. Apresentando-as enquanto comunitária, participativa, integral e sustentável, foi cunhado o conceito do Movimento Internacional pela Nova Museologia (MINOM).

A Mesa Redonda de Santiago do Chile teve um papel importante que marca o início de uma nova corrente de pensamento que é a nova museologia. Observamos que esse momento é de expansão do pensamento clássico e expõe a necessidade de atuação de maneira multidisciplinar nas ações museológicas. Levando em consideração a realidade social em que as instituições encontram-se inseridas. O museu integral está a serviço da comunidade, e a representação do patrimônio cultural é construída a partir da consideração da memória social do grupo em que este está inserido.

Versando sobre a atuação da museologia, a Declaração de Quebec aponta a necessidade de estender suas atuações para além das suas funções de identificação, conservação e educação. Expandindo a atuação museológica, a proposta não anula as funções tradicionais da museologia, e sim as ramificam para uma atuação mais ligada ao meio humano. Para atingir esse objetivo é reiterada a necessidade da prática da multidisciplinaridade, apontando os meios de gestão moderna em conjunto com ações culturais como um caminho da proposta.

Ao mesmo tempo que preserva os frutos materiais das civilizações passadas, e que protege aqueles que testemunham as aspirações e a tecnologia atual, a Nova Museologia - Ecomuseologia, Museologia comunitária e todas as outras formas de Museologia ativa - interessa-se em primeiro lugar pelo desenvolvimento das populações, refletindo os princípios motores da sua evolução ao mesmo tempo que as associa aos projetos de futuro. (...) Torna-se de certa forma um dos meios possíveis de aproximação entre os povos, do seu conhecimento próprio e mútuo, do seu desenvolvimento crítico e do seu

4^o SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3



desejo de criação fraterna de um mundo respeitador da sua riqueza intrínseca.⁷⁴⁷

Ao passo em que as instituições mantêm a prática de preservação da memória por meio da salvaguarda dos objetos, a nova museologia tem como principal caminho de interesse o desenvolvimento das comunidades e grupos sociais em que as instituições pertencem, pautando o desenvolvimento das populações e projetos futuros. Nesse sentido a nova museologia preocupa-se com o desenvolvimento social de uma forma global e de ordem científica, cultural, social e econômica, adaptando os meios tradicionais da museologia em projetos específicos de integralização comunitária.

Em 1992, o evento A Missão dos Museus na América Latina Hoje: Novos Desafios, inscrito no Programa Regular de Cultura da Unesco para a América Latina, em torno da tomada de consciência da proximidade do século XXI, produz ao final foi a “Declaração de Caracas”, que analisa historicamente e, mais uma vez, aponta necessidades para o avanço do desenvolvimento da nova museologia. Entre eles estão à inserção de políticas museológicas no setor da cultura, reflexão sobre a ação social do museu e seu poder decisivo, reflexões sobre o desenvolvimento teórico, a importância de estratégias de gestão, comunicação, captação de recursos e o perfil dos profissionais para atuação em instituições museológicas (ICOM, 1999).

Em suma, os encontros citados acima instauram o novo momento para os museus e a museologia, provocando uma nova perspectiva de atuação técnica e teórica, tendo em vista as especificidades territoriais, resultando num trabalho que percebe as características sociais dos grupos aos quais estão inseridos. É no contexto da nova museologia que esse trabalho se expande teoricamente, levando em consideração as especificidades de identidade e territorialidade da Casa das Rendeiras e das rendeiras do município de Saubara, no Recôncavo Baiano. Observando-a como museu integral, levando em

⁷⁴⁷ (ICOM, 1999 p. 223-224)



consideração o saber fazer da renda de bilro, entendendo como patrimônio cultural imaterial local, levando em consideração a importância da sua preservação.

8. MULHERES RENDEIRAS E MUSEOLOGIA

Levando em consideração a contribuição das teóricas e teóricos, encontros e documentos citados acima para o desenvolvimento da museologia no campo científico, numa perspectiva de aproximação popular dos museus, entendendo-o enquanto fenômeno social, como aponta Stransky (1980), o conceito de museu para além do museu-instituição, relacionando o indivíduo com a sua realidade. Apresentamos neste trabalho a Casa das Rendeiras de Saubara-BA sob a perspectiva do museu enquanto ação, pensamento que integra os conceitos de museu fenômeno, museu integral e de museologia social.

A museologia social surge como movimento teórico contemporâneo que visa a problematização da museologia frente às questões sociais que envolvem diretamente grupos subalternizados. Podemos observar o início dessa era processual na declaração de Santiago do Chile (1972 UNESCO/ICOM) apontada por Mário Moutinho na publicação Caderno de Sociomuseologia de 1993.

Que o museu é uma instituição ao serviço da sociedade da qual é parte integrante e que possui em si os elementos que lhe permitirem participar na formação da consciência das comunidades que serve; que o museu pode contribuir para levar essas comunidades a agir, situando a sua actividade no quadro histórico que permite esclarecer os problemas actuais, [...] Que esta nova concepção não implica que se acabe com os museus actuais nem que se renuncie aos museus especializados, mas que pelo contrário esta nova

4º SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3



concepção permitirá aos museus de se desenvolver e evoluir de maneira mais racional e mais lógica a fim de se melhor servir a sociedade [...] ⁷⁴⁸

Ora, se os espaços museológicos são marcados a partir do seu poder instituidor de seleção da memória a ser preservada, a museologia social propõe que estes não ditem o serviço, mas sim esteja a serviço da comunidade em que está inserido, onde o mesmo aja sobre a construção do quadro de memória apresentado pela instituição.

A necessidade do compromisso social no campo da museologia se desencadeia no desenvolvimento do conceito de museologia social apontado por Mário Moutinho (1993), que tem como objetivo a inserção epistêmica do pensamento comunitário no campo da museologia, levando em consideração a participação dos grupos aos quais pertencem os patrimônios culturais em seus processos de musealização. O conceito aproxima ainda mais a museologia com o campo das ciências sociais, numa proposta multidisciplinar de atuação, no intuito de aliar as estruturas museológicas à sociedade contemporânea. Tendo o patrimônio cultural como meio de integração entre a memória e a sociedade, usando como intercurso o campo museológico, sem se limitar ao pensamento tradicional do museu enquanto edifício, abrindo a possibilidade de ação cartográfica para além do território edificado.

A compreensão do patrimônio cultural e das mestras detentoras do saber enquanto objeto da museologia permite observarmos a Casa das Rendeiras em Saubara-BA, bem como as mulheres rendeiras que fazem parte da associação, como agentes detentoras do saber fazer da renda de bilro, atuantes no fazer museológico no processo de representação da identidade cultural local, por meio da memória e do trabalho que abarca a renda de bilro para além dos seus pontos e trocados.

⁷⁴⁸ (MOUTINHO, 1993, p. 08).



Analisamos o caminho seguido pela Casa das Rendeiras e as representatividades a partir da seleção de memória comunitária enquanto movimento de resistência de mulheres negras, mestras do saber fazer da renda de bilro, que apresenta a técnica de coser enquanto patrimônio cultural local.

A apresentação da Casa das Rendeiras se dá com a presença de mulheres cosendo a renda de bilro em suas almofadas. O movimento, o som dos bilros e formação de uma nova trama desenhada, apresenta o patrimônio em movimento. Sem a presença dessas mulheres na Casa, ela não teria o sentido museológico pretendido, que é a do humano enquanto objeto como apresenta Brulon:

O conceito de museu construído principalmente no decorrer do século XX, que culminou com as idéias da Nova Museologia, bem como com a perspectiva científica sobre o campo desenvolvida pelo ICOFOM, nos leva a compreender uma Museologia que tem o humano como objeto e que está sujeita a toda a complexidade do real. Pensar esta (Nova) Museologia, como uma ciência humana que começa a nascer, é, talvez, a principal consequência trazida por esta noção recente e mais aberta do museu.⁷⁴⁹

As mulheres cosendo a renda fazem parte da narrativa estabelecida pela associação, é justamente nesse ponto que está a diferença na forma como a museologia é empregada, e mais ainda, a maneira como a instituição apresenta o patrimônio cultural local a partir das vivências das mulheres rendeiras que permeiam a utilização do próprio espaço da associação, enquanto espaço de salvaguarda, formação e difusão da renda de bilro.

É com a movimentação da Casa com suas associadas e do uso do espaço para coser que a museologia é colocada em prática. Nesse movimento museológico as mulheres negras protagonizam a responsabilidade sobre a salvaguarda do patrimônio cultural da renda de bilro.

⁷⁴⁹ (BRULON, p.09 2015)

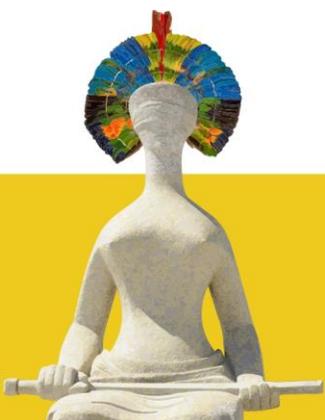


A Casa das Rendeiras enquanto espaço museológico de representação de um saber fazer, exercido por mulheres negras no Recôncavo Baiano, apresenta-se enquanto um museu que pertence a sua comunidade e representa um grupo específico onde seus discursos são produzidos a partir das vivências diárias da Casa e de suas associadas. Logo, este se torna um discurso que atende aos conceitos englobados na nova museologia, apresentando uma mensagem de descolonização do pensamento a partir da resignificação da prática de coser renda, entendendo-a além do trabalho, como patrimônio cultural local, fazendo intersecção com mulheres negras da diáspora negra transatlântica entre África e Brasil.

Mendonça (1959) aponta a conexão de diáspora entre mulheres mestiças, cuja expressão mais abrangente acreditamos que sejam negras, e mulheres europeias em território brasileiro com a renda de bilro:

A julgar pelos fatos históricos, presumo que na Região Sul, onde se localizaram os primeiros núcleos de colonização, alguma portuguesa se teria dado ao trabalho de ensinar a “troca dos bilros” a qualquer mestiça. E, observando-lhe a habilidade, ensinara-lhe sucessivamente os trutrus, os entremeios estreitos, os bicos, as aplicações, até chegar às rendas mais largas e mais difíceis. Daí em diante, de família em família, foi-se introduzindo o costume agradável de fazer renda nas horas de lazer.⁷⁵⁰

Refletir sobre os caminhos da museologia, faz com que as percepções acerca do poder museológico exercido sobre as representações sociais da memória sejam percebidos por meio da análise dos discursos, que são imbricados nos processos museológicos e que resultam num processo de esquecimento dos subalternizados, no caso desta pesquisa, o grupo de mulheres negras que compõe a Casa das Rendeiras de Saubara-BA. Analisar a Casa das Rendeiras enquanto instituição de



4^o SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3

preservação e difusão do saber fazer da renda de bilro nos leva a um caminho de análise de discurso sociomuseológico. A partir dessa premissa observamos a ordem em que os processos históricos são apresentados nos percursos expográficos e que são ditos para além dos enunciados. Para Foucault:

Em suma, pode-se supor que há, muito regularmente nas sociedades uma espécie de desnivelamento entre os discursos: os discursos que “se dizem” no correr dos dias e das trocas, e que passam com o ato mesmo que os pronunciou; e os discursos que estão na origem de certo número de atos novos de fala que os retomam, os transformam ou falam deles, ou seja, os discursos que, indefinidamente, para além de sua formulação, são ditos.⁷⁵¹

No campo da museologia podemos observar esse desnivelamento apontado por Foucault por meio da representação da memória de um grupo a partir dos objetos e narrativas apresentadas por meio dos percursos expográficos. Existe uma dualidade nessas representações que nos leva a dois caminhos que é a lembrança e o esquecimento.

Explicando o esquecimento pelo desapego de um grupo Halbwachs (1968) explana que a importância que podemos dar a um acontecimento ou seus detalhes, não necessariamente é a mesma que um grupo ou pessoa que esteve presente no mesmo acontecimento pode dar. Podemos ter em uma lembrança específica a certeza de cada objeto presente no acontecimento ou palavras proferidas, no entanto outras pessoas que estiveram presentes na mesma cena podem não lembrar absolutamente nada, ou pouca coisa sobre tal fato. Esse esquecimento é causado pelo desapego que os demais do grupo que compõe a lembrança tem sobre ela. É justamente por existir essa seleção da memória que se resulta na lembrança e no esquecimento, que há a necessidade da formação de uma comunidade afetiva:

⁷⁵⁰ (MENDONÇA 1959 p.73 apud BRUSSI, 2015 p. 24).

⁷⁵¹ (FOUCAULT 2010 p. 22)



Para que nossa memória se auxilie com a dos outros, não basta que eles nos tragam seus depoimentos: é necessário ainda que ela não tenha cessado de concordar com suas memórias e que haja bastante pontos de contato entre uma e as outras para que a lembrança que nos recordam possa ser reconstruída sobre um fundamento comum. Não é suficiente reconstruir peça por peça a imagem de um acontecimento do passado para se obter uma lembrança. É necessário que essa reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade. Somente assim podemos compreender que uma lembrança possa ser ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída.⁷⁵²

A comunidade afetiva compõe um grupo social que trabalha na continuidade de uma ou mais lembranças; memória coletiva de um grupo. Podemos utilizar como experiência análoga a técnica do saber fazer da renda de bilro no município de Saubara, onde mulheres compartilham entre si, de geração em geração ou por meio de laços afetivos, as diversas técnicas necessárias para a composição da renda, por meio da oralidade, que é elemento de expressão da lembrança.

As lembranças das infâncias das rendeiras de Saubara trazem a tona elementos da memória coletiva, que revelam os pontos em comum da renda de bilro, os horários habituais de fazer a renda e os locais onde eram postas as almofadas, geralmente em suas casas nas calçadas ou nas praças. Pierre Nora (1993) afirma que reviver e ritualizar a memória são formas da sociedade criar identificações que a história utiliza como meio os lugares, assim se pode afirmar que somos feitos de lembranças e não de

⁷⁵² (HALBWACHS 1968, p. 34)



4º SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3

esquecimentos. Sendo assim, os lugares de memória são antes de tudo restos, um meio de existir uma consciência comemorativa numa história ao qual faz parte (Nora, 1993). Para as rendeiras saubarenses a Casa das Rendeiras representa na atualidade esse lugar de memória apontado pelo autor, e a utilização da casa como espaço de memória e de compartilhamento do saber fazer é possível por meio da oralidade.

A memória coletiva é um meio da memória social, mas acima de tudo um instrumento de poder, que seleciona nas sociedades o que deve ser lembrado ou esquecido, e quais representações são importantes socialmente por meio da legitimação institucional:

Mas a memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é sobretudo oral ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória.⁷⁵³

As sociedades de memória social oral tem como enfrentamento constante o esquecimento, a rememoração por meios dos grupos é um importante fator de consolidação da memória. Uma das formas de combate ao esquecimento que esses grupos sociais encontram é, por meio das narrativas e uso de objetos, repassar tradições que antes pertenciam a gerações anteriores a essa que se encontram no presente e assim sucessivamente.

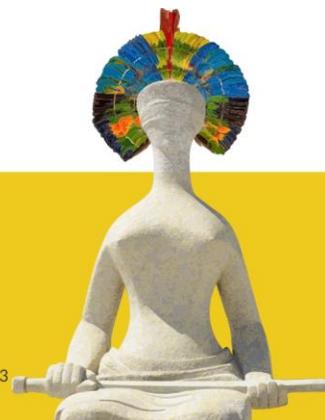
O uso da almofada e as técnicas para a fabricação da renda de bilro foram passadas por meio da oralidade, de geração em geração, além da técnica em si, se encontram os costumes que fazem parte do entendimento do mesmo como patrimônio cultural; as cantigas que se entoavam ao tecer as rendas, os horários de tecer que deve necessariamente obedecer a tábua de maré, e o fato de colocar a almofada na porta da rua ou próxima as janelas frontais. Todos esses hábitos foram empregadas

4^o SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3



pelas mulheres rendeiras contemporâneas por meio das narrativas que estas tiveram acesso com outras mulheres de gerações anteriores as suas. Segundo Cecília Moreira Soares (2009), as narrativas são recursos que trazem informações que estimula a memória ameaçada pelo esquecimento, e forma uma nova geração que será sensibilizada pelas histórias contadas enaltecendo a sabedoria vista nelas. As memórias pessoais também são importantes para a construção e percepção do saber fazer enquanto patrimônio, uma vez que:

A lembrança de uma memória pessoal é também a memória social do grupo, que se regozija ao estabelecer uma ponte entre passado-presente, cujo fator tempo é uma demarcação tênue e até imperceptível. Todas as vezes que, em circunstâncias bem determinadas, lembra-se de alguém ou de suas ações, afloram outras lembranças de sua presença, refletidas nas falas de todos aqueles que compartilharam com essa pessoa algum momento.⁷⁵⁴

As mulheres rendeiras saubarenses, tem como referência de aprendizado para tecer outras mulheres que pertenceram as gerações anteriores, geralmente mães, tias, avós ou até mesmo as vizinhas, que ao ver essas meninas observando-as começavam a ensiná-las, e assim essas começavam os primeiros passos na profissão de rendeira, como aponta Dona Maria Antônia Passos dos Santos, mais conhecida como Maria de Inha:

Aprendi com a minha mãe, eu lembro tinha dez anos eu ficava olhando aí eu disse eu quero fazer, ela botava a gente perto dela, ela costurava e eu ia aprendendo. O nome dela era Antônia Astrogilda Félix, ela fez uma almofada pra mim e ficou ensinando os pontos, aí eu disse não quero mais negocinho estreito não, só quero é grande, porque ela costurava com muitos bilros, e

⁷⁵³ (LE GOFF, 1990, p. 410)



4º SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3

nisso, a minha almofada com três bilros. Demorou um pouquinho para aprender, com doze anos comecei a fazer para vender.⁷⁵⁵

As mestras e aprendizas proporcionavam o encontro de gerações e o saber fazer era repassado por meio do compartilhamento da memória, uma vez que as mulheres ao ensinarem os pontos às suas filhas, sobrinhas ou vizinhas recordavam-se de como aprenderam.

Para Jô Gondar e Vera Dodebei (2005) o conceito de memória social é transdisciplinar, onde o mesmo pode comportar diversas significações e se abre para uma variedade de sistemas de signos. Essa polissemia da memória social pode ser entendida como traduções para a sua materialização, os objetos e coleções museológicas; as palavras orais e escritas, as imagens desenhadas ou esculpidas e marcas corporais são suporte para construção de narrativas de uma ou várias memórias (Gondar, Dodebei, 2005).

Os objetos necessários para aprender também fazem parte das narrativas e proporcionavam a interação no ambiente social, ao rememorarem seus processos de aprendizado, as mulheres mais velhas reproduziam formas e comportamentos consolidados (Soares, 2009). A Casa das Rendeiras de Saubara materializa a memória social por meio desses suportes, buscando a consolidação da renda de bilro no município, enquanto fonte de renda e patrimônio cultural, formando novas mulheres rendeiras.

A Casa produz, enquanto espaço museológico, uma narrativa sobre a renda de bilro utilizando-se das histórias contadas pelas próprias rendeiras, dos artefatos necessários para a produção e das próprias rendas em exibição, recebendo frequentemente a visita de escolas, pesquisadores, turistas e apreciadores da renda. Junto à própria comunidade, atua ainda através das aulas gratuitas, em

⁷⁵⁴ (SOARES, 2009, p. 93)

⁷⁵⁵ (Maria Antônia Santos, Entrevista realizada pela autora em 14 de janeiro de 2019).



parceria com a prefeitura, para quem quiser aprender a rendar, o que pode ser entendido como uma importante atividade de salvaguarda e de educação patrimonial.

Enquanto associação facilita o acesso aos materiais necessários para a produção, faz a gestão de encomendas e escoar a renda confeccionada. Neste sentido torna-se fundamental as parcerias estabelecidas, principalmente com instituições ligadas ao artesanato. As parcerias atuam na qualificação para a autogestão e profissionalização das rendeiras e também são essenciais na divulgação e venda do que é produzido.

A Casa das Rendeiras se torna um importante mecanismo de Salvaguarda deste saber. Primeiro, ela tem o papel de transmitir este conhecimento para as mais novas num tempo em que estas já não aprendem a renda nas portas das casas com suas mães e vizinhas. Segundo, busca facilitar a vida das rendeiras, tanto no processo de confecção, oferecendo as linhas e a infraestrutura da Casa, como no escoamento da produção, sendo responsável pela venda das peças. Terceiro, tem como papel apresentar a renda de bilro à sociedade, destacando seu valor cultural, identitário e artístico, e valorizando as mestras desse saber fazer, atuando assim como uma importante instituição museológica. É um esforço da própria comunidade para a preservação e sustentabilidade da prática de coser renda, onde o lócus privilegiado do conhecimento se encontra nas próprias mestras rendeiras de Saubara.

Em cada conversa que tive com essas mulheres sobre a renda fica evidente que a maior satisfação que a renda lhes trás, para além de uma mera distração, é o reconhecimento do seu valor e beleza. E é justamente sobre isso do que se tratou esta pesquisa. De reconhecer o valor dessas mulheres negras e dos seus saberes. De reconhecer a necessidade e importância da organização coletiva e comunitária para a salvaguarda do patrimônio cultural e da valorização dos saberes-fazeres que representem a identidade local. A renda de bilro é um importante patrimônio da cultura negra pós-



diaspórica e salientamos aqui a necessidade de ser reconhecida institucionalmente enquanto patrimônio.

REFERÊNCIAS

BRULON, Bruno. A invenção do ecomuseu: o caso do écomusée du creusot montceau-les-mines e a prática da museologia experimental. MANA 21(2): 267-295, 2015 – DOI Disponível em:<<http://dx.doi.org/10.1590/0104-93132015v21n2p267>> Acesso em: 12/08/2019 00h16minh.

[BRUSSI, Júlia Dias Escobar. Batendo Bilros: rendeiras e rendas e Canaan \(Trairi-CE\). Brasília DF. Tese \(Doutorado\) – Universidade de Brasília. Instituto de Ciências Sociais, Brasília, 2015.](#)

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. São Paulo: Loyola, 2010.

GONDAR, Jô. DODEBEI, Vera. O que é memória social? Programa de Pós Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2005. Contra Capa Livraria: Rio de Janeiro, 2005.

GREGOROVÁ, Anna. During the recent years of my work with the Slovak National Museum. MUWOP - Museological Working Papers/DOTRAM. Museology - Science or just practical museum work?, v. 1, p. 19-21, 1980.

HALLBWACHS, Maurice. A memoria coletiva. Traduzido do original francês La mémoire collective Paris: Presses Universitaires de France. Paris, France, 1968 2ªEd.

ICOM. Delaração de Caracas. In: PRIMO, Judite (org). Museologia e Patrimônio: Documentos Fundamentais. Cadernos de Sociomuseologia, n 15. ULHT, Portugal, 1999. P. 243-265

ICOM. Delaração de Québec. In: PRIMO, Judite (org). Museologia e Patrimônio: Documentos Fundamentais. Cadernos de Sociomuseologia, n 15. ULHT, Portugal, 1999. P. 223-225

4º SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3



ICOM. Mesa Redonda de Santiago do Chile. In: PRIMO, Judite (org). Museologia e Patrimônio: Documentos Fundamentais. Cadernos de Sociomuseologia, n 15. ULHT, Portugal, 1999. P. 111-121

LE GOFF, Jacques. História e memória. Tradução: Bernardo Leitão. Campinas SP: Editora da UNICAMP, 1990.

MOUTINHO, Mário Canova. SOBRE O CONCEITO DE MUSEOLOGIA SOCIAL. Cadernos de Sociomuseologia, [S.l.], v. 1, n. 1, may 2009. ISSN 1646-3714. Disponível em: <<http://revistas.ulufona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/467>>. Acesso em: 02 de outubro de 2017 as 15h47min

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução: Yara Aun Khoury Proj. História: São Paulo, 1993.

RAMOS, Luiza; RAMOS, Arthur. A renda de bilros e sua aculturação no Brasil: nota preliminar e roteiro de pesquisa. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnologia, 1948.

SOARES, Cecilia Conceição Moreira. Encontros, desencontros e (re)encontros da identidade religiosa de matriz africana: a história de Cecilia do Bonocô Onã Sabagi. 2009. Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

STRANSKY, Zbynek Z. Predmet. Museology as a Science (a Thesis), Museologia, n.15, XI, 1980.

4^o SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3

